

Transitividade, editorial e opinião: uma análise sistêmico-funcional

Maria Medianeira de Souza

Ângela Paiva Dionísio

ABSTRACT: In this article, we investigate the role of the transitivity system in the Editorial genre represented here by the editorials from *Folha de São Paulo*, *Jornal do Comércio* and *Folha Pernambuco* newspapers. According to the assumptions which underlie the Functional-systemic Linguistics, we aim at verifying how this system contributes to the construction of meaning in this genre and to the acquisition of its communicative purpose.

KEY- WORDS: *Ideational function, transitivity, editorial.*

RESUMO: Neste artigo, investigamos o papel do sistema de transitividade no gênero editorial, ora representado pelos editoriais da *Folha de São Paulo*, do *Jornal do Comércio*, e da *Folha de Pernambuco*, visando a averiguar a contribuição deste sistema, conforme postulados da *Linguística Sistêmico-Funcional*, na construção do sentido do editorial e, conseqüente, obtenção do propósito comunicativo desse gênero.

PALAVRAS-CHAVE: *Função ideacional, transitividade, editorial.*

Introdução

Tendo como objetivo expressar uma opinião institucional e convencer o leitor a aderir a essa opinião, o editorial é elaborado de modo a realizar esse propósito a partir das experiências de mundo nele retratadas; estas funcionam como argumentos a serviço da construção do ponto de vista defendido. À luz da *Linguística Sistêmico-Funcional* (HALLIDAY, 1985; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) essas experiências se constroem através do sistema de transitividade que codifica a função ideacional da linguagem.

A partir desse postulado, investigamos o papel do sistema de transitividade no gênero editorial, representado pelos editoriais da *Folha de São Paulo* (FSP), do *Jornal do Comércio* (JC), e da *Folha de Pernambuco* (FPE), visando a averiguar a contribuição da transitividade para a construção do sentido e para a opinião veiculada. Foram selecionados editoriais dos jornais, FSP, JC e FPE, publicados entre abril e setembro de 2003. A análise efetivada nos editoriais em sua totalidade apoiou-se na constituição de um editorial jornalístico proposta por Silva (1992). Para essa autora, esse gênero é composto de *apresentação do fato*, ou *introdução*, *construção do sentido do fato* e *conclusão*. Neste artigo, os dados analisados estão representados através de três editoriais de cada jornal selecionado, os quais são apresentados através de suas partes constitutivas, a partir das quais efetuamos a análise do sistema de transitividade.

1. Lingüística sistêmico-funcional, transitividade e editorial

A Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF) espelha-se numa teoria da língua enquanto escolha. É um modo de olhar a gramática em termos de como esta é utilizada. Nos estudos lingüísticos, é uma oposição aos estudos formais, já que seu foco de interesse é o uso da língua como forma de interação entre os falantes.

Esse interesse leva os estudiosos dessa vertente teórica a dirigir seu olhar para quatro pontos centrais e constitutivos da linguagem, quais sejam: (i) o uso de uma língua é sempre funcional; (ii) as funções são para fazer sentidos; (iii) os sentidos são influenciados pelo contexto social e cultural do qual tomam parte; e (iv) o processo de uso da linguagem é um processo semiótico, um processo de produzir significado pelas escolhas lingüísticas realizadas. (cf. EGGINS, 1995).

Uma gramática funcional é, por isso, não um conjunto de regras, mas uma série de recursos para descrever, interpretar e fazer significados. Os significados resultantes das escolhas realizadas pelos usuários estão vinculadas, num plano mais amplo, ao *contexto de cultura*, e num plano mais específico, ao *contexto de situação*. O contexto de cultura é a soma de todos os significados possíveis de fazer sentido em uma cultura particular. Dentro do contexto de cultura, falantes e ouvintes usam a linguagem em ambientes específicos, conhecidos na lingüística funcional como contexto de situação.

A combinação dos dois tipos de contexto resulta em semelhanças e diferenças entre um texto e outro, motivadas pelos parâmetros que definem o contexto de situação: *campo* diz respeito à natureza da prática social, corresponde ao que é dito ou escrito sobre algo; *relação* diz respeito à natureza da ligação entre os participantes da situação; e *modo*, à natureza do meio de transmissão e mensagem. Esses parâmetros afetam nossas escolhas lingüísticas porque refletem as três metafunções, *ideacional*, *interpessoal*, *textual*, que constituem os propósitos principais da linguagem (cf. HALLIDAY, 1985).

A metafunção *ideacional* representa ou constrói os significados de nossa experiência do mundo exterior ou interior por meio do sistema de transitividade. A interpessoal expressa as interações e os papéis assumidos pelos usuários, revelando as atitudes desses usuários para com o interlocutor e para com o tema abordado por meio do sistema de modo e modalidade. A metafunção textual está ligada ao fluxo de informação e organiza a textualização por meio do sistema de tema.

Como objeto de nosso interesse, tratamos mais especificamente da função ideacional através de seu componente léxico-gramatical, qual seja, o sistema de

transitividade. Este é compreendido como a categoria léxico-gramatical relacionada à função ideacional que codifica os conteúdos das experiências humanas, sejam as do mundo real, sejam as do interior da consciência. O sistema de transitividade é, portanto, a base oracional da organização semântica da experiência e denota um conjunto de orações com transitividades bastante diversificadas.

Conforme estabelece a LSF, é essa categoria léxico-gramatical que permite a identificação das atividades humanas expressas no discurso e da realidade que se retrata na e pela linguagem, pois é através da linguagem que falamos de nossas experiências, de pessoas, de objetos, de abstrações, de sentimentos e de relações existentes no nosso mundo exterior e interior.

Essa identificação se dá através dos principais papéis de transitividade: *processos, participantes, e circunstâncias*, os quais revelam *quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias*. Processos são itens lexicais que exprimem uma *ação*, um *acontecimento*, um *estado*, um *processo*, um *dizer*, um *existir*, um *sentir*. Participantes são os elementos que se associam aos processos para indicar aquele que *age, sente, existe, pensa, encontra-se em um determinado estado*. As circunstâncias são os elementos responsáveis por indicar *modo, tempo, lugar, assunto*, entre outros.

Cada tipo de processo – *material, relacional, mental, verbal, comportamental e existencial* – estabelece seu próprio esquema de construir um domínio particular da experiência, a ele associando seus participantes específicos e circunstâncias variadas. Nessa construção dos conteúdos através do sistema de transitividade, três tipos de processo são tidos como principais: materiais, mentais e relacionais; e três como secundários: comportamentais, verbais e existenciais. Abaixo, uma síntese dos tipos de processo, significação e participantes a eles associados, os quais, com exceção dos comportamentais, são investigados neste trabalho.

Quadro 1: Processos, significados e participantes¹

PROCESSO	SIGNIFICADO	PARTICIPANTES OBRIGATÓRIOS	PARTICIPANTES OPCIONAIS
Material	Fazer, acontecer	Ator	Meta, Extensão e Beneficiário
Mental	Sentir	Experienciador e Fenômeno	-
Relacional: Atributivo Identificativo	Ser Classificar Definir	Portador e Atributo Característica e Valor	-
Verbal	Dizer	Dizente e Verbiagem	Receptor
Existencial	Existir	Existente	-
Comportamental	Comportar-se	Comportante	Fenômeno

A análise que se apresenta a seguir leva em conta os três elementos que compõem o sistema de transitividade: processos, participantes e circunstâncias (HALLIDAY, 1985, HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Devemos, entretanto, afirmar que participantes e circunstâncias são analisados em virtude de seu papel na construção do sentido do editorial, significando que nem sempre analisaremos todos os participantes e todas as circunstâncias relacionadas aos processos em apreço.

Esta investigação é apoiada nos pressupostos dos estudos sobre os gêneros textuais, sobretudo, na concepção de *língua como ação social* de Miller (1994), que se reflete em seu modo de conceber os gêneros, como a base da estrutura social, como a parte comunicativa dessa estrutura, e nas idéias de Bazerman (1997, p. 19), ao afirmar que: “*Gêneros são formas de vida, são modos de ser (...). São lugares nos quais o sentido é construído. São ambientes para a aprendizagem. Os gêneros moldam os pensamentos e as comunicações através das quais interagimos*”. Nessa perspectiva, o editorial é focalizado, como uma forma de agir socialmente, ao constituir-se uma manifestação da língua, um lugar de construção de sentido, ao configurar-se como o espaço para veicular opiniões institucionais, as quais buscam moldar o ponto de vista de uma dada comunidade.

2. Construindo opiniões

Através da análise de processos, participantes e circunstâncias, interpretaremos *quem, o quê e como* está sendo representado nos editoriais, de modo a construir os significados que veiculam a opinião nesse gênero. Isso porque o sistema de

¹ Quadro tomado de empréstimo de SOUZA, 2006.

transitividade constrói, na linguagem, o mundo da experiência através dos diferentes tipos de processo. Cada processo tem seu modo próprio de construir um domínio particular de experiências em planos específicos, de acordo com os participantes e circunstâncias que lhe são associados e de acordo com o contexto de uso. Portanto, orações com diferentes processos, e por conseguinte, diferentes *transitividades*, fazem contribuições distintivas para a construção da experiência nos vários domínios discursivos, e é essa contribuição que analisamos nos editoriais que constituem o *corpus* desse trabalho.

Consideramos necessário retomar, neste momento e de forma mais específica, a conceituação dos tipos de processo investigados. Assim: (i) *Processos materiais* têm como significação básica a idéia de que *alguém* ou *algo faz alguma coisa*. Nesse tipo de processo, o conceito de ação é subjacente. Ter uma ação presente envolve, pelo menos, um participante: o Ator, entre outros como Meta e Extensão utilizados nesta análise; (ii) *Processos mentais* expressam as experiências do *sentir*, como a percepção (*ver, ouvir, perceber*), a cognição (*pensar, saber, compreender*) e a afeição (*gostar, adorar, amar, odiar*). Têm como participantes um Experienciador, ser consciente que *sente* um Fenômeno, participante que designa o que *é sentido*; (iii) *Processos relacionais* servem para definir, caracterizar e identificar, atribuindo qualidades, posse ou circunstâncias, e assim construir as experiências do mundo e as experiências de nossa consciência. Podem ser *atributivos* ou *identificativos*. Esse tipo de processo evidencia, pois, uma relação de natureza estática, entre dois participantes: Portador e Atributo nos relacionais atributivos, e Característica e Valor, nos relacionais identificativos; (iv) *Processos verbais* são aqueles que expressam formas de *dizer* ou constroem o dizer. Têm como participantes inerentes um Dizente, aquele que diz ou comunica algo e o participante Verbiagem, que se refere àquilo que é dito ou comunicado; (v) *Processos existenciais* são a representação de algo que existe ou acontece. Têm um único participante, o Existente.

2.1. O editorial *Carga Pesada da Folha de São Paulo*²

(1) Embora não *seja* propriamente nova *vai se difundindo* a percepção de que a sociedade brasileira *paga* impostos demais para *receber* serviços de menos.

² A numeração dos exemplos é reiniciada a cada editorial apresentado.

(2) Com uma carga tributária de 36% do Produto Interno Bruto (PIB), em 2002, segundo a Receita Federal, o Brasil nesse quesito *equipara-se* a países europeus, sem *atingir* a mesma qualidade e eficiência nos serviços públicos.

Os exemplos (1) e (2) são a apresentação da idéia a ser defendida, organizada em torno de quatro processos em (1) e de dois processos em (2). O exemplo (1) traz, através do relacional *ser* e do atributo *nova*, modificado pela circunstância de modo *propriamente*, uma apreciação do fato a ser discutido. Constrói-se a idéia de que esse fato não é inédito, tampouco desconhecido do autor e do público. A utilização do processo material *difundir*, no gerúndio, demonstra que seu participante Ator, “a percepção”, não está de todo concluída, não é ainda de conhecimento amplo e aos poucos começa a se tornar aceita por todos. O que esclarece o tipo de percepção de que fala o editorial pode ser visto no grupo oracional com os processos materiais *pagar* e *receber*, cujos participantes são “a sociedade brasileira”, como Ator, e “impostos demais”, e “serviços de menos”, como *Meta*.

O exemplo (1) é, portanto, a tese exposta e complementada por (2), ao construir uma imagem negativa do Brasil, igual a países da Europa em cobranças de impostos e inferior na oferta de serviços públicos. Essa imagem se torna realidade através do uso dos processos materiais *equiparar-se* e *atingir*, reforçada pela circunstância de Acompanhamento – *Com uma carga tributária de 36% do Produto Interno Bruto (PIB)* – que informa a taxa exata de impostos, e pela circunstância de Papel – segundo a Receita Federal – a qual se torna, nesse contexto, um argumento de autoridade para consolidar a opinião.

(3) A proposta de reforma em debate na Câmara dos Deputados não *deverá melhorar* essa situação.

(4) A progressiva elevação da carga tributária no Brasil *vem ocorrendo* desde 1994, quando *representava* 25% do PIB.

(5) Nos últimos anos, a cada crise externa *sobreveio* um choque de juros e um pacote tributário.

(6) Os impostos diretos e indiretos *absorvem* 41,7% dos salários, mais do que ocorre, por exemplo, na Bélgica e na Alemanha.

(7) A compressão do gasto público para *cumprir* as metas de superávits primários acordadas com o FMI desde 1998 *afeta* diretamente a população de baixa renda...

Para apresentar os argumentos que fundamentam e consolidam sua tese, o editorialista se serve de processos materiais (*ocorrer*, *sobrevir*, *absorver*), de um

relacional (*representar*) e de um mental (*afetar*), combinados com participantes, sublinhados no texto, e circunstâncias: de Localização – “na câmara dos deputados”, em (3), “no Brasil” (4), “na Bélgica e na Alemanha” (6) – e Extensão Temporal: “Nos últimos anos” (5), e “desde 1998” (7).

A relação estabelecida entre esses processos, participantes e circunstâncias configura fatos desfavoráveis às decisões anteriormente tomadas pelo Brasil no que diz respeito à questão tributária. Essas orações dão seqüência à formação de um quadro fortemente negativo do Brasil que começou a ser delineado em (2), ainda na introdução.

(8) Lamentavelmente, num cenário como esse, a linha de menor resistência para conciliar interesses conflitantes e preservar o ajuste fiscal *tende a ser* exatamente um novo aumento da carga tributária.

(9) *Será* desastroso se for essa a conseqüência de uma reforma da qual a sociedade *esperava* maior simplificação e estímulos ao setor produtivo e às exportações.

A conclusão do editorial coaduna-se com o que foi debatido, na medida em que reforça o quadro desfavorável do Brasil através de mais um feito prejudicial à população brasileira, como expresso no fragmento (8). A circunstância de Localização “num cenário como esse” opõe-se à atenuação feita pelo modalizador *tender* e contribui para tornar definitivo o efeito persuasivo presente em (8). Como argumento final, aparece em (9) um julgamento desfavorável do atual governo em relação à população, representada pelo participante Ator “a sociedade”. Em associação direta com o processo material *esperar*, esse Ator figura como vítima das ações do governo.

2.2. O editorial *Hora de ousar* do Jornal do Comércio

(1) O brasileiro *se deixa encantar* facilmente por idéias vindas de fora e *tende a venerar* ingenuamente culturas estrangeiras (nada contra elas).

(2) *Fazemos* essas reflexões a propósito do tardio reconhecimento da falência do modelo econômico batizado de Consenso de Washington, *seguido* quase unanimemente nos últimos anos, sem espírito crítico, pelos governos da América Latina e de outras regiões em desenvolvimento.

Para apresentar o fato que vai discutir, o autor opta por iniciar o texto com uma crítica aos brasileiros, materializada no uso do processo mental *encantar* que, acompanhado do “se deixa” e da circunstância de Modo “facilmente”, apresenta o brasileiro como um Experienciador passivo, acrítico do Fenômeno “idéias vindas de fora”, conforme podemos ver em (1). Essa passividade e ingenuidade são a porta de entrada para expor a tese que defenderá: a falência do modelo econômico, batizado de

Consenso de Washington, a partir do processo material *fazer*. O autor alia, à apresentação do fato, sua primeira crítica à adoção desse modelo econômico, pelo Brasil e países da América Latina, através do particípio do processo material *seguir*.

(3) Esse modelo, centrado na obediência religiosa às normas do FMI (que atendem aos interesses dos países desenvolvidos), *trouxe* crises ao México, ao Brasil, à Argentina, para ficarmos apenas nos maiores países da região.

(4) A camisa de força *é* tão possante que o atual governo brasileiro não *consegue rompê-la*, apesar de promessas de campanha e do programa partidário do PT.

(5) Há poucos dias, um diretor (para mercados emergentes) do banco de investimentos estadunidense Morgan Stanley, Narayan Ramachandran, *dizia* que o Brasil *é* um dos poucos que *continuam seguindo* a ortodoxia do Consenso de Washington-FMI, e não *consegue* estimular o crescimento.

Para atribuir significação ao fato, o autor enumera problemas advindos da aplicação do Consenso de Washington, ao mesmo tempo em que busca apoio para suas críticas, recorrendo a uma autoridade da área. O fragmento (3), em sua oração principal, organiza-se em torno do processo material *trazer*, tendo como participante Ator, “Esse modelo” e como Meta “crises”, a que se segue a Circunstância de Localização “ao México, à Argentina, ao Brasil...” para expor um desses problemas.

O exemplo (4) dá prosseguimento à descrição dos problemas, apresentando, através de uma oração relacional associada ao Portador “A camisa de força”, o aprisionamento em que se encontra o governo brasileiro. A sensação de prisão é acentuada pelo emprego do processo relacional estativo *ser*, que reforça a impossibilidade de executar a força dinâmica presente no processo material *romper*, na oração seguinte.

Em (5), o autor, para corroborar seus argumentos, utiliza o processo verbal *dizer* e introduz a fala de um executivo americano que também critica o Brasil. Relacionado a esse processo, temos então o Dizente, “um diretor...”, e a Verbiagem, “que o Brasil *é* um dos poucos...”. Na fala do Dizente, está corroborada a observação do editorialista de que o Brasil não se libertou do modelo econômico imposto pelo FMI.

(6) Quando *comemorou* os sete meses de seu governo, o presidente Luís Inácio Lula da Silva *apresentou* como grandes trunfos de sua administração a aprovação da reforma da Previdência, a queda da inflação e o início do declínio da taxa básica dos juros.

(7) *Persistem*, contudo, restrições no investimento, a velha vulnerabilidade externa da economia, um cenário de baixas reservas no Banco Central, volatilidade do câmbio e incertezas internacionais...

(8) É hora de *ousar mudar*.

Na conclusão do editorial, o autor apresenta, em (6), o presidente Luís Inácio Lula da Silva enfatizando acontecimentos positivos de seus sete meses de administração, expresso no uso dos processos materiais *comemorar* na primeira oração, e *apresentar* na segunda, ambos no pretérito perfeito indicando ações concluídas. Notemos que esses processos têm um Ator individualizado: “o presidente Luís Inácio Lula da Silva”. Podemos interpretar, nesse emprego centralizado em um agente específico, a busca de um interlocutor para o ensinamento de (8), com o qual o editorial é encerrado.

No exemplo (7), outros problemas são contrapostos aos avanços mostrados pelo presidente. Para enfatizá-los, o autor recorre, apropriadamente, ao processo material *persistir*. A oração do exemplo (8) é a palavra final do autor, na qual transparece o diálogo com uma autoridade constituída, ditando um modo de agir.

2.3. O editorial *Nacionalismo tardio da Folha de Pernambuco*

(1) *Há* um fato curioso *ocorrendo*, em escala modesta, no País, nestes tempos de globalização.

Nesse editorial, de particular importância para caracterização do fato e delimitação do sentido, são as circunstâncias presentes em (1): de Modo, “em escala modesta”, que trata da intensidade da questão; de Localização, “no País”, que a situa geograficamente; e de Extensão temporal, “nestes tempos de globalização”, que a localiza temporalmente. Aliadas ao processo material *ocorrer* no gerúndio, funcionam como amarras, prendendo o leitor aos limites da significação desejada pelo editorialista.

(2) Antes, na década de 50, quando o presidente Juscelino Kubitschek *abriu* as portas do Brasil aos investimentos estrangeiros, *houve* quem resistisse e criticasse, principalmente setores de esquerda...

(3) Este *seria* o motor essencial para que o Brasil *conquistasse* sua autonomia...

(4) O núcleo formulador das idéias nacionalistas *estava localizado* no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), fechado pela nova ordem instaurada em 1964... e que *abrigava* Hélio Jaguaribe, Roland Corbisier, Guerreiro Ramos, entre tantos outros intelectuais e pensadores preocupados com os problemas nacionais,

(5) Na área empresarial, *conviria lembrar* o grupo comandado (Votorantim) pelo empresário pernambucano José Ermírio de Moraes, que já tinha sofrido grande perseguição de conglomerados empresariais norte-americanos, seus concorrentes...

(6) As ilusões da autonomia *foram desfeitas* pela excessiva radicalização mútua das forças antagônicas, em 64...

As seqüências de (2) a (6), constitutivas da segunda parte do editorial, constroem o seu sentido por mostrar a abertura da economia ao capital estrangeiro e a defesa do nacionalismo econômico, que se opunha a essa abertura. Em (2), temos personificado no participante Ator “o presidente Juscelino Kubistchek” o responsável pela ação *abrir*, conseqüentemente, o responsável pela internacionalização da economia. Esse trecho fundamenta as idéias de abertura da economia, a crença exposta em (3) através do relacional *ser* e do material *conquistar*. O exemplo (4), usando a forma passiva do material *localizar* e o pretérito imperfeito de *abrigar*, apresenta a sede e os componentes desse grupo de oposição. Já o exemplo (5), fazendo uso do processo mental *lembrar*, coloca em cena a parte empresarial que também defende a mesma idéia, através do nome do empresário José Ermírio de Moraes. Com a oração (6), o autor encerra esse momento do editorial, expondo a falha que pôs fim ao sonho de uma economia autônoma; para isso utilizou uma oração passiva com o processo material *desfazer*, através da qual o Ator, “pela excessiva radicalização mútua das forças antagônicas”, realça a fraqueza dos grupos que defendiam a nacionalização da economia brasileira.

(7) Hoje, como *dizíamos* acima, está acontecendo algo singular, não *afirmaríamos* de grande expressão, mas um movimento inverso, ou seja, *é* crescente o número de empresas adquiridas por multinacionais na década de 90 que *estão voltando* a ser brasileiras.

(8) A explicação para esse movimento nada *tem a ver* com a volta ao passado do nacionalismo econômico...

(9) Por fim, não *deve ser interpretado* como desinteresse das multinacionais pelo Brasil, mas representa que os compradores brasileiros *ganharam* condições para *conquistar* fatias na concorrência pelo mercado interno, o que *estimula* novas transações de natureza semelhante.

Concluindo sua exposição, o autor retoma sua tese usando dois processos verbais, *dizer* e *afirmar*. A Verbiagem é o fato propriamente dito – a nacionalização da economia – expresso em (7) pelo SN “movimento inverso”. Em (8) e (9), o editorialista esclarece o porquê de as empresas voltarem a ser brasileiras, sendo que no exemplo (9), ressalta a boa fase “dos compradores brasileiros”, participante Ator de *ganhar*. Esse processo, juntamente com *conquistar* e *estimular*, são os processos materiais escolhidos para sugerir essa ênfase.

Conclusão

Pudemos observar que os resultados obtidos com a análise do sistema de transitividade nos editoriais dos jornais FSP, JC e FPE apontam para um padrão de uso, no que diz respeito aos tipos de processo, ao modo de apresentação dos participantes, em especial o primeiro participante, e aos tipos de circunstâncias utilizados.

Os materiais são os processos mais usados, depois dos relacionais, corroborando evidência anterior de que a opinião se materializa pela representação de fatos do mundo e pela classificação e definição desses fatos, função dos materiais e relacionais, respectivamente. Se os processos materiais predominam, também predominam os participantes Ator, Meta e Extensão. Em relação aos participantes Ator, Experienciador, Portador e Característica, merece relevo a preponderância desses em SNs lexicais. Atores ou Experienciadores se moldam à concepção do editorial enquanto gênero que se apropria de um fato para discuti-lo e reconstruí-lo nos moldes do pensamento da instituição jornalística que o veicula. Por tratar de acontecimentos, assim esses participantes são representados no editorial, ainda que tenham, por trás, agentes individualizados e responsáveis por esses acontecimentos.

Em relação às circunstâncias, pudemos perceber que as de Extensão temporal, de Localização e de Modo são as mais frequentes nos editoriais jornalísticos analisados. Estabelecer lugares e espaços, ao lado de restringir ou expandir modalmente os sentidos dos fatos, se configura como uma maneira, argumentativamente eficaz, de usar o terceiro componente do sistema de transitividade.

Por fim, podemos afirmar que os resultados obtidos revelam a importância do sistema de transitividade na construção do sentido desse gênero, em especial dos processos materiais e relacionais, pela percepção de que os materiais materializam os fatos e os relacionais classificam e categorizam esses fatos. E, sobretudo, que a análise do sistema de transitividade, em uso nos editoriais investigados, demonstra como processos, participantes e circunstâncias se combinam para construir um determinado quadro de experiências vivenciadas por um alguém em particular, e para tornar esse quadro comum a um grande número de pessoas, já que compõe um gênero que se concretiza como ação social ao expor uma opinião institucional, assim percebida pelos leitores.

Referências

BAZERMAN, C. The life of the genre, the life in the classroom. In: BISHOP, W.; OSTROM, H. (Eds.). *Genre writing – issues arguments alternatives*. Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1997. p. 19-26.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter Publishers, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Introduction to functional grammar*. London: Arnold, 2004.

MILLER, C. R. Genre as social action. In: FREEMAN, A.; MEDWAY, P. (Eds.). *Genre and new rhetoric*. London: Taylor & Francis, 1994. p. 23-42.

SILVA, A. C. B. da. *Os editoriais de jornal: uma abordagem discursiva*. Florianópolis, 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina.

SOUZA, M. M. de. *Transitividade e construção de sentido no gênero editorial*. Recife, 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco.